



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV5 Monde, da França

Palácio da Alvorada, 02 de setembro de 2009

Jornalista: Bem-vindos a esta edição especial de “Internationales”, nossa reestréia. Estamos no Brasil, em Brasília, onde nos recebe o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. senhor Presidente, bom dia. Muito obrigado por nos receber aqui na sua casa, em Brasília. Antes de fazer as perguntas, com Bruno Daroux, da Rádio França Internacional, e Jean-Pierre Langellier, do Le Monde, em poucas palavras, gostaria de recordar um pouco sua trajetória excepcional, porque o senhor foi vendedor de rua aos 10 anos de idade, começou a trabalhar na metalurgia aos 14 anos, em seguida iniciou uma vida de luta sindical, chegou a passar alguns dias na prisão; em 1980 fundou seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT), foi três vezes candidato à Presidência, em 2002 foi eleito, na quarta tentativa, e em 2006 foi reeleito para um mandato que vai até dezembro de 2010. Hoje o senhor está à frente de um País que conta cada vez mais no cenário internacional. Com cerca de 200 milhões de habitantes, o Brasil é a nona, décima economia mundial. Se me permite, vamos começar pela realidade franco-brasileira, já que amanhã o senhor receberá, aqui em Brasília, o presidente francês Nicolas Sarkozy. As relações entre os dois países não têm problemas, vão muito bem. O senhor falou no presidente Sarkozy como um parceiro estratégico. No mundo globalizado de hoje, a França e o Brasil compartilham a mesma visão de mundo?

Presidente: Olha, primeiro bom dia. E dizer para vocês que Brasil e França têm muita coisa em comum. Historicamente, o povo brasileiro se dá bem com os franceses e historicamente, os franceses se dão bem com os brasileiros. Eu acho que já no final do governo do presidente Chirac nós terminamos por aperfeiçoar as relações entre Brasil e França, e o presidente Sarkozy tem dado



ênfase à necessidade de Brasil e França se entenderem cada vez mais, produzirem parcerias estratégicas, porque nós temos que estar juntos, muito fortes na nossa relação bilateral e muito fortes nas instituições multilaterais de que nós participamos. Por exemplo, o presidente Sarkozy defende, desde o primeiro dia do seu mandato, que tenha mudança no Conselho de Segurança da ONU e que o Brasil seja um dos membros a participar da ONU. O presidente Sarkozy tem defendido que o G-8 tem que terminar e tem que se criar o G-13, o G-14. Eu defendo que a gente fique com o G-20 como único fórum internacional. E agora nós estamos montando uma parceria estratégica muito forte porque nós montamos um plano estratégico para uma política de defesa nacional, e em torno disso nós estamos construindo uma política estratégica com a França para que a gente possa assinar contratos na área de submarinos, na área de helicópteros. E, depois, estamos discutindo com os franceses também a questão dos aviões-caça.

Jornalista: O senhor fala em helicópteros, submarinos, também caças para sua Aeronáutica. O Brasil vai comprar o Rafale, da Dassault, este seria um contrato que poderia ser assinado entre França e Brasil?

Presidente: Veja, nós estamos estudando, neste momento, nós próximos dias eu terei uma reunião com o meu Ministro da Defesa e com o Comandante da Aeronáutica. O Brasil está em uma fase em que nós temos que tomar as decisões e todo mundo sabe que uma das exigências que o Brasil está fazendo é que a gente tenha acesso à tecnologia. Nós não poderemos comprar um caça de que a gente não detém a tecnologia. Até porque nós sonhamos produzir parte desse avião no Brasil. Nós temos uma grande empresa que pode produzi-lo. Eu acho que as conversas com o presidente Sarkozy e com a França estão andando muito rapidamente. Eu acho que nós estamos no caminho certo. Nós temos hoje uma boa relação de confiança e temos o entendimento de que Brasil e França precisam construir, cada vez mais,



parcerias mais fortes.

Jornalista: O presidente francês Sarkozy estará amanhã aqui em Brasília. O senhor vai anunciar sua decisão a respeito do Rafale por ocasião da vinda do presidente Sarkozy a Brasília?

Presidente: Olha, se eu tivesse que anunciar, eu não poderia anunciar na véspera. Eu tenho que ter a conversa com o Sarkozy. O que eu posso dizer para vocês é que nós estamos em um momento de conversações bastante adiantadas e eu acho que nós vamos chegar a bom termo com a França sobre esses assuntos e sobre esses [outros] assuntos. Por exemplo, não é explicável que Brasil e França tenham uma balança comercial de apenas US\$ 8 bilhões. Nós poderíamos ter uma balança comercial de 20, de US\$ 30 bilhões. E, veja, a França para nós tem um significado muito grande porque é o único país europeu que faz fronteira com o Brasil, é o único país europeu que tem uma parte do seu território na Amazônia. Eu espero que a gente também assine o contrato para que a gente possa pesquisar a biodiversidade da Amazônia porque a Humanidade, neste momento, precisa que a gente cuide com muito carinho da Amazônia e extraia dela a possibilidade de sua biodiversidade oferecer benefícios para toda a Humanidade.

Jornalista: Gostaria de insistir um pouco ainda sobre o Rafale, isso quer dizer que o presidente Sarkozy deixará Brasília sem que a decisão tenha sido tomada pelo Governo brasileiro?

Presidente: Não sei, e não poderia falar. Vocês compreendem, como jornalistas, e eu compreendo também o papel de vocês, ou seja, vocês têm que compreender o meu, e eu compreender o de vocês. Essa é uma coisa muito delicada. Um acordo dessa envergadura exige muito dinheiro, exige compromisso de transferência de tecnologia. Nós temos outros concorrentes.



Mas o que eu posso te dizer é que nós estamos em um momento muito excepcional de conversação com a França. Se eu disser alguma coisa a mais do que isso, eu estaria adiantando uma coisa que eu não posso adiantar.

Jornalista: Sobre o mesmo assunto, também há um concorrente americano. Quer dizer que, numa concorrência legítima, principalmente entre americanos e franceses, a França está em vantagem em relação ao concorrente americano, tem uma proposta que pode ser mais convincente?

Presidente: Veja, não tem apenas o concorrente americano, tem um concorrente anglo-sueco, e nós temos boas relações. Para nós, vamos ficar claros, para nós a compra dos caças tem um componente que para o Brasil é sagrado: transferência de tecnologia e possibilidade de produzirmos parte do avião no Brasil.

Jornalista: Mas é a França que propõe a transferência de tecnologia...

Presidente: Quem estiver com essa disposição estará muito mais próximo de um acordo com o Brasil e certamente, vocês sabem quem é que está mais próximo do Brasil.

Jornalista: A propósito de Defesa, a Colômbia quer autorizar os Estados Unidos a utilizar sete bases colombianas. Qual é a posição do Brasil a respeito dessa questão?

Presidente: Veja, primeiro, a posição do Brasil é de respeito à soberania colombiana. Nós não nos intrometemos na soberania de cada país. O que nós estamos pedindo para os colombianos, e eu pessoalmente liguei para o presidente Obama, é que no tratado fique explicitado que a implantação da base na Colômbia é apenas para efeitos no território da Colômbia, sem mexer



com o território de outros países. Um tratado de direito internacional, que permita a qualquer país que se sinta prejudicado entrar com um processo contra o tratado e contra os países que fizeram o tratado. Eu penso que nós vamos chegar a bom termo porque na última reunião da Unasul que fizemos, a reunião começou um pouco quente mas terminou tranquila, assinamos um bom documento, e eu acho que as coisas vão terminar ficando bem. O que nós queremos é paz na América do Sul, tranquilidade na América do Sul. Essas bases americanas na Colômbia já existem há muito tempo. Parece-me que a primeira foi em 1952 ou foi em 1962. O que nós não queremos é que essas bases permitam que os aviões americanos tenham alcance em outras fronteiras.

Jornalista: O senhor confere grande importância à estabilidade regional, na América do Sul. O senhor não teme que a América do Sul entre numa corrida armamentista?

Presidente: Não, não. Veja, a América do Sul precisa, primeiro, crescer economicamente, consolidar o seu processo democrático, fazer política de distribuição de renda para melhorar a vida do povo e, ao mesmo tempo, todos os países têm que cuidar da sua defesa. Vamos pegar o caso do Brasil, que tem 8,5 milhões de quilômetros quadrados, que só de floresta da Amazônia tem 360 milhões de hectares, e que agora encontra um grande campo de petróleo no mar, nós temos que nos cuidar. Então, nós temos que ter uma política de defesa que garanta a tranquilidade ao povo brasileiro.

Jornalista: O Brasil não tem o suficiente?

Presidente: Eu estou convencido de que o Brasil e outros países têm que ter um sistema de defesa que garanta tranquilidade ao povo de cada país. É assim com a França, é assim com o Brasil e será assim com outros. Nós não



queremos nos preparar para ter um sistema de defesa para a guerra. O que nós queremos, concretamente, é ter um sistema de defesa que dê tranquilidade ao Brasil de tomar conta de suas riquezas naturais, de suas riquezas minerais, para que a gente possa ter mais soberania. Afinal de contas, um país do tamanho do Brasil que não tem um bom sistema de defesa é um país desprovido de segurança. E na América do Sul, pode ficar tranquilo que nós queremos paz e vamos construir a paz na América do Sul, porque nós aprendemos uma lição: em tempo de guerra, em que você tem que gastar muito dinheiro com a guerra, você não tem tempo para desenvolver a sua educação, a sua saúde, a geração de empregos, a distribuição de renda. Nós já perdemos o século XX, nós não temos o direito de perder o século XXI. Portanto, é [por isso] que o Brasil prima tanto pela manutenção da paz no nosso país.

Jornalista: Falando ainda na região. Por seu tamanho, por seu peso, por sua força econômica, o Brasil pretende, com sua credibilidade, ter um papel de intermediário entre países vizinhos que estejam em conflito? O Brasil deseja ter esse papel de mediador, e não corre o risco de, de vez em quando, incomodar os vizinhos menores?

Presidente: Primeiro, que o Brasil não quer ter o papel de intermediário. Ou seja, ninguém se oferece para ser intermediário, você é convidado. Se o Brasil for convidado para fazer intermediação, o Brasil certamente aceitará fazer intermediação. Agora, o que é importante a gente ter claro é que nós não vivemos aqui em uma zona de conflito. O nosso conflito é mais verbal do que qualquer outra coisa. Quando o presidente do Paraguai, o companheiro Lugo, ou o presidente da Bolívia, o companheiro Evo, ou outro qualquer tem uma discordância com o Brasil, em vez de eu ficar brigando com ele, eu vou conversar com ele para tentar resolver as divergências. Eu participei da última reunião da Unasul, eu tive conversas bilaterais com vários presidentes e eu



tenho clareza de que o que todo mundo quer é paz, é tranquilidade para poder crescer economicamente e se desenvolver.

Jornalista: Apesar de não ter o papel de mediador, por seu tamanho e seu poder, não pode ocupar o papel de País líder no continente sul-americano, e conduzir a uma organização como a União Europeia, que agrupe os diferentes Estados da América do Sul?

Presidente: Veja, eu não gosto da palavra “líder”, porque normalmente se utiliza a palavra “líder” porque o país é grande, porque o país é rico, porque o país tem muitas armas. O líder, na verdade, é aquele que é escolhido pelos seus liderados para cumprir uma determinada tarefa. Eu tenho uma relação extraordinária com todos os presidentes da América do Sul, da América Latina e do mundo. Eu me considero um homem que tem uma relação, eu diria, de muita simpatia por todo mundo. Obviamente que as pessoas têm no Brasil uma referência. Mas, ao mesmo tempo, pelo fato de o Brasil ser a economia maior do continente, ser o país de maior população no continente, nós precisamos ter cuidado para não passar a ideia de que o Brasil quer ser hegemônico, que o Brasil quer ter hegemonia. Não. O que nós queremos é construir uma relação de parceria e ter como resultado disso uma relação de confiança e uma relação de decisões comuns entre nós. Nós começamos a Unasul faz pouco tempo. A União Europeia levou, praticamente, 50 anos para chegar onde chegou. Nós estamos há pouco tempo. Então, nós vamos chegar lá. Agora, no ano que vem, já vai ter a eleição do Parlamento do Mercosul. Depois nós vamos constituir o Parlamento Latino-Americano, nós vamos ter os mesmos debates que vocês tiveram na Europa, e daqui a pouco a gente está discutindo de forma muito civilizada, muito democrática e, eu diria, muito produtiva para o nosso povo.

Jornalista: Presidente, o tempo passa, gostaria de abordar uma questão muito importante, a crise mundial, crise primeiramente financeira, econômica, e



também social, em vários países. A questão envolve sua percepção, e é muito simples: o senhor pensa que o pior da crise já passou, que já ficou para trás?

Presidente: Eu creio que sim. Aqui, no caso do Brasil, o pior da crise já passou. Nós recebemos a crise por último e estamos saindo da crise primeiro. Eu divido a crise em dois momentos. O primeiro momento, do *subprime* dos Estados Unidos e, em um segundo momento, a quebra do Lehman Brothers, que acabou com o crédito no mundo, ou seja, o crédito desapareceu. Nós tivemos problemas, o Brasil tomou todas as medidas que tinha que tomar, os números da economia brasileira são muito promissores para este último quadrimestre e muito promissores para 2010, ou seja, nós achamos que a economia brasileira vai voltar a crescer a 5% no próximo ano. Também eu tenho recebido notícias de que nos Estados Unidos a coisa está melhorando, na Europa está melhorando, ou seja, se parou de afundar e já está estabilizando, já é um grande negócio. Agora, o que nós precisamos é utilizar o G-20 para tomar as decisões que até então os presidentes não tinham tomado. Primeiro, é preciso regular fortemente o sistema financeiro mundial. O sistema financeiro não pode ficar alavancando financiamento acima do patrimônio dele e, muitas vezes...

Jornalista: O senhor fala em regulamentar o sistema financeiro internacional, senhor Presidente. O senhor pensa que se pode moralizá-lo, o senhor acredita nisso?

Presidente: Eu acho. Acho e acredito nisso, porque essa crise econômica provou que o Estado tem que voltar a exercer um papel importante. Não aquele Estado gerenciador das coisas, mas o Estado indutor e o Estado fiscalizador, o Estado que fiscaliza o sistema financeiro como fiscaliza o mundo do trabalho, o Estado que tenha a preocupação com o sistema financeiro que ele tem com qualquer outro segmento da sociedade. O que não pode é o sistema financeiro



ficar transitando trilhões, trilhões e trilhões de dólares, de euros, pelo mundo afora, sem gerar um único posto de trabalho. As pessoas precisam aprender que o sistema financeiro tem que existir para fomentar o setor produtivo e não para viver de especulação, pessoas ganhando com transações de papéis sem ter como resultado um par de sapatos, sem ter como resultado um paletó. Então, eu penso que essas discussões vão aparecer fortemente no próximo G-20, porque o que eu não quero que aconteça é que se a crise diminuir, as pessoas se acomodem e deixem tudo como está. Nós precisamos aproveitar a crise para mudar a lógica da economia mundial.

Jornalista: Muito brevemente, isso quer dizer que o encontro de Pittsburgh, que será de fato o terceiro do G-20, após os encontros de Washington e Londres, significa que as decisões tomadas foram insuficientes?

Presidente: Veja, eu penso que elas são insuficientes porque toda vez que a gente vai discutir, por exemplo, a questão dos paraísos fiscais, a gente fica pisando em ovos, ou seja, fica pisando em uma coisa muito delicada, porque quando se fala em paraísos fiscais, a gente está falando das Ilhas Cayman, mas também se fala da Suíça, mas também se fala do Uruguai. Então, nós temos problemas políticos sérios para resolver. Mas nós precisamos democratizar, definitivamente, o FMI, nós precisamos fazer com que o Banco Mundial volte a ter dinheiro para emprestar para os países mais pobres e precisamos controlar a alavancagem dos recursos do sistema financeiro, para que ele não possa fazer o que fez no caso do *subprime*. E, ao mesmo tempo, os paraísos fiscais. Nós temos que dizer que as pessoas podem ter o dinheiro no banco, esse dinheiro ser contabilizado, todo mundo saber que ele tem, pagar imposto. O que não pode é nós trabalharmos com dois sistemas financeiros: um legal, dos cidadãos honestos que pagam impostos, e um outro ilegal, em que os malandros do mundo depositam o seu dinheiro. Não é possível.



Jornalista: Gostaria de interromper por alguns segundos, para um pequeno intervalo, nos veremos em dois minutos.

Jornalista: Nos encontramos em Brasília, com nosso convidado especial da edição de estréia da temporada, o presidente brasileiro Lula. Nós falávamos há pouco do G-20, falou-se muito nos últimos anos do G-8, que não tem China, Índia e Brasil, para não citar outros. Para o senhor, é uma instituição que vai desaparecer, o G-8, o jeito como funciona não está adaptado ao mundo de 2009?

Presidente: Eu penso que o G-8 não tem nenhuma razão de ser, mais. Você imaginar que você vai discutir os destinos da economia do mundo sem levar em conta a existência da China, sem levar em conta a existência da Índia, sem levar a conta a existência do Brasil, do México, da África do Sul, é você achar que o mundo de hoje é o mundo de 1950, é o mundo de 1970, é o mundo de 80, e não é, não é. O G-8 virou um clube de amigos, porque faz 36 anos que se reúnem, mas eu não vejo possibilidade de o G-8 tomar decisão, sem levar em conta a existência dos BRICs, por exemplo. Então, eu acho... e aí o presidente Sarkozy...

Jornalista: Os BRICs, para deixar claro para o telespectador, é o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China... um pequeno parênteses...

Presidente: Os BRICs são Brasil, China, Índia e Rússia. Mas você tem outros países importantes no mundo. O que eu acho importante, e o presidente Sarkozy tem sido muito enfático nisso, é que ele tem dito na reunião do G-13 e do G-20 que ele não vê mais sentido no G-8. O G-8, pela lógica econômica do mundo, pela nova geopolítica mundial e pela globalização da economia, não tem mais razão de ser.



Jornalista: Fala-se muito em G-8, G-5, mas há também o G-192, que é a ONU. A ONU existe. Então a ONU não será nada, e o senhor quer participar do Conselho de Segurança?

Presidente: Veja, eu sou defensor de que a ONU deveria ter mecanismos para ser o grande fórum para debater a crise. Obviamente que se você for fazer todos os debates com 190 pessoas, com 200 pessoas, a decisão ficará muito mais difícil. O dado concreto é que você tem que juntar os países que, economicamente, são mais fortes em cada continente e que têm influência econômica nos outros países, para você criar um fórum que, pelo menos, faça a primeira discussão. Eu sou favorável a que a gente ouça todos os países, do menor ao maior. Agora, o G-20, na verdade, é um fórum de referência para as 20 maiores economias do mundo decidirem algumas coisas na área econômica. Mas o G-20 tem que saber que é preciso dar o direito de todos os países falarem, porque o problema envolve todos. Uma decisão que interessa ao Brasil, à França e aos Estados Unidos pode não interessar à ilha Martinica, pode não interessar à Guiné-Bissau. Então, nós temos que, democraticamente, ser justos e dar espaço para que esses países possam falar. Por isso é que eu propus ao Ban Ki-moon, na reunião que fizemos no Japão, que a ONU deveria ser o grande fórum de debates sobre a crise econômica.

Jornalista: Há também, no seio da ONU, o famoso Conselho de Segurança, no momento é um G5, que reflete o estado das coisas no mundo em 1945. Alguns dirigentes, como o presidente Sarkozy, dizem que é preciso ampliar esse Conselho de Segurança. O Brasil será candidato a um Conselho de Segurança ampliado, mas as coisas parecem complicadas, é muito complicado abrir a porta do Conselho de Segurança. O senhor tem esperanças de que o Brasil tenha acesso em breve ao Conselho de Segurança, é possível fazê-lo?



Presidente: O Conselho de Segurança foi criado em função de uma realidade, depois de uma guerra. Eu acho que é só olhar o mapa-mundi, olhar a geografia política e a geografia econômica, que nós vamos perceber que o mundo de 1948 está muito diferente do mundo de 2010. O que nós estamos propondo é que a ONU tenha o seu Conselho de Segurança ampliado e que os continentes estejam melhor representados. Não tem ninguém da América Latina, não tem ninguém da Ásia, você tem a China, mas não tem o Japão. Você não tem a Alemanha, você não tem um país como o Brasil, você não tem um país como a Índia. Então, o Conselho de Segurança está pouco representativo. O que nós queremos é dar representatividade por continente, que ele seja ampliado e que a gente acabe com o direito de veto. Ou seja, um país não pode ter o direito de veto sobre outro. Afinal de contas, todos os países são soberanos, são iguais. Por que nós temos que tomar uma decisão e um país se dá o direito de vetar? A China não quer o Japão, a Itália não quer a Alemanha, não sei quem não quer o Brasil. Mas, enquanto isso, o Conselho de Segurança está pouco representativo, ele toma decisão e não se cumpre, muitas vezes não se respeita. O que nós queremos é adequar o Conselho de Segurança à realidade política do século XXI. Acabou o século XX, é preciso adequar.

Jornalista: O senhor fixou um objetivo em termos de tempo, para obter uma cadeira para o Brasil no Conselho de Segurança da ONU? O senhor pensa que isso será possível ainda durante seu segundo mandato?

Presidente: Eu não sei. Tem hora que eu penso que estou muito perto, tem hora que eu penso que estou muito longe, porque depende muito de dois países. Depende da China e depende, sobretudo, dos Estados Unidos. Os americanos, quando o Bush era presidente ele me dizia que ele concordaria, que era preciso apenas dar um tempo, mas nunca tomou a iniciativa. Daqui a pouco os chineses falam que concordam, mas também nós percebemos que não tomam a iniciativa porque eles não querem que o Japão entre. Então, é



uma coisa que está aumentando a pressão, está aumentando a pressão, está aumentando a pressão. Pode não ser daqui a um ano, mas pode ficar certo de que vocês são muito jovens e vocês vão ver, ainda, o Conselho de Segurança democratizado e a ONU voltar a exercer o papel mais importante nas resoluções dos conflitos do mundo.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Bom, ainda não, ainda não. Eu ainda não conversei com o presidente Obama sobre esse assunto. Mas vamos conversar, certamente vamos conversar. Nós temos o G-4, que é uma parceria entre Japão, Índia, Brasil e Alemanha, que estamos reivindicando. Não entrar os quatro, porque o que nós queremos? Primeiro, tem que ter uma decisão se vai reformar ou não o Conselho de Segurança. Ao decidir reformar, tem que se estabelecer quais os critérios. E aí começa a se discutir quais os continentes e quais os países que vão entrar.

Jornalista: Há outra grande desafio da nossa época, que é a questão do clima. Gostaria de perguntar primeiramente o que o senhor pensa desse alarmismo de alguns, que pensam que a situação climática no mundo é catastrófica. O senhor compartilha esse pessimismo?

Presidente: Em dezembro do ano passado, o Brasil aprovou o seu Plano Nacional de Políticas Climáticas. O Brasil tem responsabilidade nesse debate porque nós temos 12% da água potável do mundo, porque nós temos o maior manancial de florestas, maior potencial de floresta tropical do mundo. E a América do Sul tem um potencial porque a Amazônia pega Brasil, Peru, Venezuela, Colômbia e Bolívia e ainda o Equador, ou seja, é um extraordinário potencial e nós temos que cuidar disso com carinho. Eu vou para Copenhague...



Jornalista: (incompreensível) tem responsabilidade?

Presidente: Muita responsabilidade, muita responsabilidade. Agora, veja, tanto os países que têm floresta para preservar têm responsabilidade, quanto os países que têm mais industrialização precisam pagar pela preservação e, ao mesmo tempo, têm que assumir compromisso de diminuir as emissões de gases de efeito estufa. Isso pressupõe que, em algum momento, nós vamos discutir o conceito de produção e de consumo dos países, porque todos não têm que pagar igual. A China não tem que pagar, pela emissão de gases, o que pagam os Estados Unidos, que é industrializado há muito mais tempo. O Brasil não tem que pagar o que paga a França ou o que paga a Inglaterra, que são industrializados há muito mais tempo.

Então, eu imagino que nós vamos para Copenhague para fazer um acordo e todo mundo assinar, não como o acordo de Quioto, que os Estados Unidos não assinaram. Nós precisamos assinar porque as mudanças e intempéries são cada vez mais verdadeiras e é cada vez mais verdadeiro que nós temos que cuidar melhor do nosso ar, da nossa água e da nossa floresta.

Então, eu penso que nós... E aí também eu acho que a ONU tem que controlar, tem que ter uma instituição multilateral que diga que a França está poluindo demais, que diga que o Brasil está poluindo demais, que diga que os Estados Unidos estão poluindo demais e que é preciso diminuir em “tanto” a poluição. Se não tiver uma instituição multilateral e cada país ficar trabalhando só com os seus números, a gente vai continuar tendo divergências. Então, o que eu penso?

Jornalista: É preciso uma organização mundial para o meio ambiente, como defende o presidente Sarkozy, os senhores estão de acordo quanto a isso?

Presidente: Eu acho, e acho que essa organização tem que estar ligada à



ONU, não pode estar fora da ONU. Porque nós precisamos chegar nessa reunião de Copenhague e saber a emissão de gases de efeito estufa *per capita* de cada país, saber o potencial de sequestro de carbono de cada país, porque aí você pode fazer um acordo combinado. Ou seja, um acordo sobre a criação de um fundo para ajudar no sequestro de carbono e, ao mesmo tempo, um acordo para que os países que praticam maiores emissões de gases de efeito estufa diminuam as emissões. E aí poderemos até estabelecer metas, que todo mundo está disposto a agir com responsabilidade.

Jornalista: Sua ex-ministra do Meio Ambiente, a senhora Marina Silva, deixou seu Governo, e deixou seu partido, com críticas ao fato de não ter sido feito o suficiente pelo meio ambiente, em particular pela Amazônia. Como o senhor responde a isso.

Presidente: Bom, primeiro ela não disse isso em nenhum momento. Ela deixou o governo porque quis, ela pediu demissão duas vezes. Ela, enquanto ministra do Meio Ambiente, aprovou tudo o que ela queria e o governo fez tudo o que ela queria. As razões pelas quais ela saiu do governo ela me explicou em uma carta, e em nenhum momento ela disse isso.

A segunda coisa é que o nosso governo tem feito tanto pelo meio ambiente que eu duvido que alguns países ricos tenham feito mais do que nós fazemos. Eu acho que... é só ver os números de hoje. A Amazônia teve o menor desmatamento dos últimos 20 anos. E nós temos um problema porque nós temos que desenvolver a Amazônia. Lá moram 23 milhões de habitantes que querem ter acesso aos mesmos bens materiais que nós temos.

Então, eu preciso fazer um jogo combinado, e não transformar a Amazônia em um santuário da Humanidade. Eu preciso saber explorar corretamente o potencial de desenvolvimento que tem a Amazônia, a área que você pode ter indústria limpa, como é que nós vamos fazer corretamente o manejo da floresta para que você possa aproveitar a Amazônia como riqueza



para o nosso povo.

E o Brasil, nisso, tem muita responsabilidade. Nós já aprovamos o programa Amazônia sustentável, nós já fizemos o zoneamento agroecológico para a cana-de-açúcar, nós vamos fazer para o dendê, nós vamos estabelecer política de recuperação das terras degradadas. A nossa lição de casa o Brasil vai fazer, e vai fazer corretamente. Nós somos o país que tem maior percentual de energia limpa, seja energia elétrica, seja de toda a matriz energética brasileira. Nós somos o único país que utiliza 25% de etanol na nossa gasolina. O que nós estamos convocando é que o mundo rico faça o mesmo que nós, que dê passos importantes para ajudar a resolver o problema, porque nós temos que ajudar a desenvolver a África, nós temos que ajudar a desenvolver os países mais pobres. O que você não pode é ter o mundo rico cobrando do mundo pobre e o mundo pobre sem chance de se desenvolver.

Esse debate é um debate que vai acontecer, a partir de Copenhague, no G-8, no G-20, no G-13, no G-14, onde for, nós vamos debater esse assunto com muita clareza porque o Brasil quer dar a sua contribuição para o mundo.

Jornalista: O senhor está no segundo mandato, em matéria de meio ambiente mencionou os pontos positivos. Quais seriam os pontos em que o senhor diria que não se pôde fazer tudo o que se pretendia no meio ambiente, ou que se poderia ter feito melhor?

Jornalista: Gostaria de acrescentar dizendo que o problema principal da Amazônia é a pecuária. O senhor não acredita que enquanto se puder ter acesso à floresta para desenvolver a pecuária, e esse acesso é livre, haverá desflorestamento rápido na Amazônia?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa para você com muito respeito e com muita sinceridade. O que as pessoas precisam compreender é que nós conhecemos o território brasileiro como ninguém e que se, algum tempo atrás,



essa questão ambiental não tinha no Brasil a força que tem hoje, hoje a questão ambiental está muito, mas muito discutida com o governo brasileiro, pela sociedade brasileira. E é lógico que é um processo educacional, é um processo que nós queremos cuidar da área que vai plantar a soja, da área que vai criar o gado, da área que vai plantar o dendê, da área que vai plantar o etanol. Mas isso, nós não abrimos mão da nossa soberania para que a gente tome conta do nosso território. Isso nós vamos fazer com muito carinho porque o Brasil pretende ser um modelo de exemplo para o mundo nessa questão ambiental.

Jornalista: (incompreensível) o senhor dá lições?

Presidente: É porque, de vez em quando... Eu viajo muito o mundo e, de vez em quando, alguém que já desmatou todo o seu país, dá palpite no Brasil. Quando, na verdade, nós queremos preservar a floresta amazônica, não apenas pelo debate internacional, mas é porque nós desconhecemos a riqueza da biodiversidade que tem a Amazônia, nós desconhecemos os benefícios que ela pode oferecer à Humanidade na produção da indústria farmacêutica. É por isso que eu propus ao presidente Sarkozy que a gente criasse um instituto de pesquisa da biodiversidade, já que a França tem uma parte também na Amazônia, para que a gente possa apresentar o potencial de desenvolvimento na indústria farmacêutica que tem a Amazônia. E preservar a floresta, para nós, significa a gente utilizá-la corretamente, fazer o manejo correto da floresta e, nisso, o Brasil tem muitos especialistas.

Jornalista: O senhor falou na produção petrolífera, o Brasil descobriu recentemente importantes jazidas em águas profundas. Isso quer dizer que o Brasil teria interesse, nos próximos anos, ou nos próximos meses, em tornar-se membro pleno da OPEP, de países exportadores de petróleo? O senhor deseja isso?



Presidente: Não, não.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, porque o Brasil não quer ser um exportador de óleo cru. O Brasil quer ser um exportador de derivados do petróleo. Nós vamos fazer o refino aqui no Brasil, nós queremos fazer indústria petroquímica no Brasil e, portanto...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...nós não vamos participar... e nenhum interesse de participar da Opep. O que nós queremos é aproveitar a indústria... aproveitar a descoberta do pré-sal para que a gente faça uma grande indústria petrolífera no Brasil, para que a gente faça uma grande indústria naval no Brasil, para que a gente possa ter um grande polo petroquímico no Brasil. E quando nós decidimos criar um Fundo com o dinheiro do petróleo, é porque nós queremos resolver alguns problemas brasileiros: a questão da Educação, a questão da inovação tecnológica, a questão cultural, a questão ambiental e a questão da pobreza neste país. É um Fundo que vai ter muito dinheiro e nós precisamos resolver os problemas do Brasil.

Jornalista: Por que o senhor acha que o Brasil está tão atrasado na área da educação?

Presidente: Possivelmente, porque não se cuidou da Educação quando se deveria cuidar. Eu vou lhe dar um exemplo do que nós estamos fazendo em oito anos. Nesses oito anos, nós já construímos 12 universidades federais novas, nós já fizemos 105 extensões universitárias, levando cursos para o



interior do País, nós já fizemos 214 escolas técnicas. Quando eu falo 214 escolas técnicas, é preciso lembrar que em cem anos, aqui no Brasil, foram feitas 140, e eu, em oito anos, estou fazendo 214. Eu estou colocando dinheiro do petróleo para cuidar da Educação porque eu acho que a Educação é o que vai garantir o futuro do Brasil. O petróleo acaba, mas se o povo estiver bem formado, bem qualificado, o Brasil nunca mais sofrerá retrocesso.

Jornalista: Por isso seria necessário nacionalizar a produção petrolífera, decisão que é criticada por alguns?

Presidente: Veja, o Brasil fez o que o mundo que tem petróleo fez. Você faz concessão de petróleo quando você tem área de risco. Mas quando você não tem área de risco, o petróleo é certo e ele está ali... O Estado brasileiro precisava assumir a responsabilidade de que esse petróleo é a chance que o Brasil tem de garantir que ele seja do povo brasileiro e que resulte em benefícios para a totalidade do povo brasileiro. Eu jamais abriria mão dessa possibilidade de aproveitar esse petróleo, não para ficar vendendo ele a esmo, mas para garantir que o povo brasileiro possa, daqui a alguns anos, ser um povo melhor formado, ser um povo com melhor emprego, ser um povo com melhor salário e o Brasil estar entre as grandes economias do mundo.

Jornalista: Uma questão importante da atualidade, sobre o Irã. O senhor é favorável a novas sanções contra o Irã? O senhor pensa que o Irã, nessa questão, tenta realmente desenvolver armas nucleares?

Presidente: Eu acho que há muitas sanções e pouca conversa. Eu acho que é preciso conversar mais. Você não pode ir encurralando um país que tem 80 milhões de habitantes, se os grandes líderes não chamam ele para uma grande conversa. Eu defendo para o Irã o que eu defendo para o Brasil. O Brasil tem na sua Constituição a não-utilização de armas nucleares. É o único país do



mundo que tem, na Constituição... não é vontade do presidente Lula. É vontade do povo brasileiro, contida na Constituição. O que eu defendo para o Irã é a mesma coisa. Se ele quiser fazer energia nuclear, que faça. O que não pode é utilizar isso como instrumento de guerra.

A minha tese é que a gente não pode permitir que aconteça com o Irã o mesmo que aconteceu com o Iraque. O governo do Iraque mentia, não permitindo que houvesse a fiscalização das armas químicas. O governo americano dizia que tinha e ele sabia que não tinha. Era preciso fazer a guerra para justificar a perseguição aos terroristas no atentado americano. E aí foi uma guerra muito engraçada, uma guerra que foi provocada por uma mentira. E quem poderia desmentir, que era o Saddam Hussein, não tinha coragem de desmentir porque tinha mentido para o povo o tempo inteiro, então não podia dizer que não tinha armas químicas.

Eu acho que nós precisamos tomar cuidado. Conversar muito com o Irã... Eu estou viajando [para] o Irã, talvez no próximo ano. Estou recebendo, neste ano, o Presidente do Irã para conversar o que eu acho que é importante fazer para que a gente mantenha a paz no mundo, para que a gente mantenha o mundo tranquilo. Então, eu acho que Sarkozy deveria conversar com ele, acho que Obama deveria conversar com ele, Angela Merkel deveria conversar com ele, Gordon Brown deveria conversar com ele, eu deveria conversar com ele, todo mundo, para a gente parar de ficar punindo... Um grupo de funcionários de terceiro escalão da ONU ficar tomando decisão, punir um país, que vai ficando cada vez mais encurralado e, cada vez mais encurralado, vai ficando cada vez mais difícil a gente entrar em um acordo.

Jornalista: O senhor considera que o presidente Ahmadinejad é o Presidente legitimamente reeleito do Irã, não há dúvida sobre isso?

Jornalista: Depois da eleição o senhor apoiou firmemente o presidente Ahmadinejad. Isso era verdadeiramente necessário?



Presidente: Veja, não é possível. Eu não sei de onde o meu amigo teve essa informação. Eu não apoiei nem ele, como não apoiei...

Jornalista: O senhor chegou a comparar a eleição a uma partida de futebol...

Presidente: Meu querido, deixe eu lhe dizer uma coisa, com muita sinceridade. Eu não vi o mundo incomodado quando o Bush foi eleito pela primeira vez, não vi. Agora, o cidadão foi eleito, o seu país tem regras. Se as regras não atenderam aos interesses da oposição, é uma briga do Irã, não é uma briga minha. Eu não quero que ninguém se intrometa nas eleições do Brasil. Eu não me intrometo nas eleições da França, a França não deve se intrometer nas eleições da Venezuela, a Venezuela não se intrometer nas eleições da Colômbia. Vamos permitir que cada país resolva os seus problemas sem a sabedoria milenar daqueles que acham que podem dar palpite sobre tudo. Ora, teve um conflito eleitoral? Não é o primeiro país que tem. As instituições do Irã é que têm que resolver isso. Se ele não resolver, não vai ser o presidente Lula ficar dizendo aqui “foi certo ou foi errado”. O dado concreto é que houve uma eleição, participou a oposição e teve um resultado. A oposição questionou, como em muitos lugares do mundo questiona.

Jornalista: O tempo passa muito rapidamente em sua companhia, e lamentavelmente termina o programa. Para concluir, pergunto: o Rio de Janeiro vai sediar os Jogos (Olímpicos) de 2016? O senhor tem certeza disso?

Presidente: Olha, se eu tiver os votos dos delegados franceses, vai. Eu acho que o Rio de Janeiro tem potencial, o Brasil tem potencial. Não é correto que as Olimpíadas sejam feitas, pela oitava vez, nos Estados Unidos, porque são quatro de verão e quatro de inverno. Não é possível que sejam feitas na Inglaterra em 2012 ... e em outro país europeu em 2016. Não. O que nós



achamos é que o Brasil está preparado para fazer uma extraordinária Olimpíada neste país. Eu estou convencido de que nós poderemos ganhar. Pela primeira vez estamos preparados para ganhar e espero contar com o voto dos franceses, dos alemães, de todo mundo... Até a compreensão do Rei da Espanha eu espero ter.

Jornalista: Espero que possam sediar os Jogos. Agradeço muito por este programa, por esta entrevista. Muito obrigado por nos receber aqui em Brasília, obrigado aos dois (entrevistadores), obrigado a todos por nos acompanhar e até a próxima semana com um novo programa “Internationales”. Muito obrigado.

Presidente: Olha, eu quero agradecer e dizer para vocês que 30 ou 40 minutos é sempre pouco, pelos assuntos que nós temos que conversar. Também, se não fosse este negócio aqui no meu ouvido, eu estaria bem melhor e bem mais confortável aqui. De qualquer forma, eu espero que possamos ter oportunidade de fazer outras entrevistas, já comentando as Olimpíadas no Rio de Janeiro.

Jornalista: Muito obrigado.

(\$31DHJMP)